Revista Espaço Acadêmico – n. 227 – mar./abr. 2021 – bimestral
ANO XX – ISSN 1519.6186

Assa-Peixe e inhame: a descolonização da medicina e a autonomia do cuidado na pandemia de Covid-19

WALLA CAPELOBO*

Resumo: A colonialidade estruturou o poder e o saber de forma a privilegiar os colonizadores e subalternizar os colonizados. A pandemia covid-19 que estamos submetidas no momento nos evidencia mais uma vez as marcas do colonialismo e suas estruturas necropolíticas. A sobrevivência dos povos pretos está na troca contínua de informações de fugas e na produção de vida. Aqui escrevo um exercício tecido com minhas mais velhas sobre medicina, cuidado e saúde. Defendo no artigo a potência epistêmica ancestral existente nesse diálogo contínuo entre pessoas de cor sobre as sobrevivências do cotidiano.

Palavras-chave: Decolonial; Saberes tradicionais; Colonialidade; Pandemia; Cuidado; Cura.

Assa-Peixe and Inhame: the decolonization of medicine and the autonomy of care in the Covid-19 pandemic

Abstract: Coloniality structured power and knowledge in a way that privileges the colonizers and subordinates the colonized. The covid-19 pandemic that we are currently experiencing highlights once again the marks of colonialism and its necropolitical structures. The survival of racialized people is in the continuous exchange of information on escape and production of life. Here I write an exercise done with my elders on medicine, care and health. I emphasize here the epistemic power that exists in this continuous dialogue.

Key words: Decolonial; Traditional knowledge; Coloniality; Pandemic; Care; Healing.

* **WALLA CAPELOBO**, mata escura e lama fértil. transfeminista e contracolonial, formada em História da Arte pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - 2019, mestranda pelo Programa de Pós-graduação Estudos Contemporâneos das Artes - PPGCA - Universidade Federal Fluminense (UFF). Integra grupos de pesquisa GeruMaa - Estética Africana e Ameríndia no IFCS-UFRJ e o grupo de estudos anticoloniais independente Cipei - Cidade do México.

Tratados, linhas forjadas, dominação, eliminação, sangue derramado, armamento biológico, são alguns dos processos civilizatórios iniciados pelas empreitadas coloniais do século XVI que transformaram as dinâmicas sociais em todo o planeta. As caravelas que cruzaram de múltiplas direções o Atlântico construíram "o mundo como o conhecemos" (SILVA, 2019). As empreitadas coloniais, com seu rastro de morte, estabeleceram os estados nações modernos acoplado as instituições que o sustentam. "É que a Europa, moralmente, espiritualmente é indefensável" (CESAIRE, 1978, p.14). Hoje, escrevo esse texto, com uma corpa dissidente de gênero e negra que carrega os reflexos, consequências, tangenciamentos da sucessão de violências impostas pelo agente colonizador europeu e seu projeto de humanidade que nos extermina.

"O mundo é meu trauma"[1], projetado para ser traumático para as criaturas que não estão de acordo com o processo civilizatório dominante, constantemente atualizado, reprogramado pela necropolítica estatal como forma de controle e perseverança da branquitude, patriarcado, heterossexualidade, cisgeneridade, capacitismos, classismos e demais violências estabelecidas pelo domínio colonial.

Todo esse processo colonial fundou a ideia de raça que hoje herdamos como consequência dessa divisão de valor de humanidades, os europeus brancos fundaram nas Américas o racismo como base de sustentação de todas as relações interpessoais e econômicas, em que o trabalho escravizado africano e indígena serviram de fundamentação desse continente. Sobre esse fato fundador das américas, Aníbal Quijano (1928-2018) sociólogo peruano fundamenta o conceito de *"colonialidade do poder"* , que diz respeito à estruturação do poder moderno capitalista global a partir de sua raiz colonial e sua noção de raça, elemento imprescindível para a constituição do mundo como entendemos e sentimos hoje, arma que marca os corpos racializados em constante subalternização. Para a manutenção das hierarquias sociais estabelecidas na colonização foi necessário estabelecer o que o sociólogo venezuelano Edgardo Lander chamou de *"colonialidade do saber"*, variação do conceito de Quijano que dá conta de elaborar de maneira compreensível de como o saber também foi alterado nos processos civilizatórios coloniais, a saber, graças ao epistemicídio contínuo dos conhecimentos dos povos originários de Abya Yala[2] e de origem africana/afro americana. O mesmo processo que destituiu nossas autonomias sobre nossos próprios corpos também foi causador de apagamento constante das nossas maneiras de ser/estar encarnados no presente.

Hoje escrevo diante de um mundo adoecido, pandêmico, 2020 chegou com a peste do nosso século, a COVID-19, doença causada pelo Coronavírus, rapidamente se espalhou, ignorando todas as fronteiras invisíveis, as proteções sanitárias que tentaram conter o contágio. Semelhante as pandemias

[1] Referência ao texto de nome "o mundo é meu trauma" de Jota Mombaça, em que a bixa conta como as violências atravessam o corpo dela/pessoas de cor no mundo marcado pela colonização e suas formas de atualização de poder necropolítico. Disponível em: https://piseagrama.org/o-mundo-e-meu-trauma/

[2] Nome dado aos povos originários ao continente que o colonizador chamou de America. Movimento político epistêmico que atribui o resgate de termos originários do território como maneira de resistência aos processos colonizadores e neocolonizadores.

ocorridas durante o século XVI, responsáveis pelo óbito de milhares de pessoas e dizimação centenas de povos, a COVID-19 também chegou nessas terras vindas pelas forças coloniais que cruzam o oceano Atlântico, no contexto atual, a doença chegou pelas elites capitalistas que possuem o direito transitar pelo globo. O vírus desembarcou nos aeroportos brasileiros no final de fevereiro, com pacientes tratados nas grandes redes de hospitais particulares e no mês seguinte chegava em domicílios localizados em bairros empobrecidos das grandes capitais do país. A realidade aparente no Brasil é de que a maioria das vítimas fatais da covid-19 são/serão as pessoas racializadas, segundo a Agência Pública[3] ao analisar dados epidemiológicos no mês de abril percebeu que as mortes entre as pessoas negras aumentavam em uma proporção de 5 vezes, em contrapartida a dos brancos triplicaram. Essa diferença de crescimento de óbitos evidenciam as desigualdades sociais que formam essa nação, em que a população racializada, em sua maioria, empobrecida está em risco maior de adoecimento, por fatores como falta de informações de prevenção, precariedade econômica que impede o distanciamento social, racismo científico, sucateamento e colapso hospitalar da rede sus - sistema único de saúde. Essa situação de ausência de cuidado do estado brasileiro quanto a pessoas de cor não é uma novidade da covid-19 e do nosso tempo presente, e sim, a ininterrupção do racismo estrutural. Em um artigo chamado *Doenças* a historiadora Tânia Salgado Pimenta comenta sobre uma epidemia de cólera no Brasil oitocentista.

> A epidemia de cólera de 1855-56, no Rio de Janeiro, ilustra bem essa questão, com os africanos morrendo mais que os brasileiros. Uma das explicações possíveis seria a maior inserção desses últimos em redes de solidariedade que pudessem auxiliá-los quando doentes. (PIMENTA, 2018, p.196).

A falta de redes de solidariedade, acesso a saúde, qualidade de vida vem a um longo período de tempo na vida das pessoas de cor. Escrevo do Rio de Janeiro, onde hoje, o coronavírus dispõe maior taxa de mortalidade entre os cidadãos dos bairros periféricos da zona oeste e norte da cidade. Localidades estas com o predomínio de corpos racializados, segundo a educadora e coordenadora nas Redes de desenvolvimento da Maré, Pamela Carvalho, estamos inseridas em uma "pandemia das desigualdades" (CARVALHO, 2020), onde o vírus é o agente que evidencia a falha historicamente construída de proteção às vidas escuras e/ou empobrecidas.

O racismo científico é um fator significativo na história brasileira, tema recorrente e bravamente defendido por séculos nas elites científicas do país. Os séculos XIX e início do século passado foram responsáveis por uma quantidade notória de teorias assumidamente racistas que estão engendradas na cultura nacional. Lilia Schwarcz, professora e antropóloga, discute em seu artigo "O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930" como a junção de instituições como o Museu Nacional, as faculdades de direito e medicina definiram a miscigenação como o problema e solução do Brasil republicano e como deveria solucionar, a

[3] Agência de jornalismo investigativo brasileira sem fins lucrativos. Disponível em: https://apublica.org/

longo prazo, o que os homens do conhecimento científico acreditaram ser o obstáculo a ser vencido pela nação. Envolvidas em teorias como o darwinismo social, que fez crer na hierarquia de raças e suas evoluções, ao entender o sujeito branco em seu ápice humano, em contrapartida compreendia os povos originários como ausentes de civilidades, estariam em uma infância evolutiva e os sujeitos pretos como a degradação, perversão da civilidade eurocentrada. As teorias eugenistas tiveram grandes adeptos no Brasil, o país tornou um dos centros de referências nos estudos sobre mestiçagem. A variabilidade étnica da população brasileira contribuiu para o campo teórico eugenista, com grande produção de pesquisas compartilhadas com a comunidade científica internacional. Destaca-se a participação de João Batista Lacerda, médico antropólogo que dirigiu por algum tempo o Museu Nacional, no Congresso Internacional das Raças, em Londres, 1911. Na oportunidade, Lacerda, fez discurso para plateia científica presente no congresso de que maneira o Brasil se tornaria uma nação ocidental plena ao resolver o que ele acreditava ser um problema. Defendeu a miscigenação como estratégia temporária para a eliminação do negro da sociedade brasileira, informando que com o passar das gerações a negritude, como raça inferior, seria suspensa da sociedade em detrimento do embranquecimento programado. Representou sua teoria racista a partir do quadro "A redenção de Cam" (1895) do pintor espanhol Modesto Brocos. A pintura faz referência ao conto bíblico de Cam, irmão expulso do paraíso, filho de Adão e Eva. A bíblia, o livro sagrado cristão, diz que o castigo divino dos descendentes de Cam foi tornar-se os "servos dos servos", mito interpretado por escravocratas como justificativa divina para a escravidão negra, ao associar a linhagem de Cam ao continente africano. O quadro representa três gerações de brasileiros, em que a avó, negra retinta de linhagem africana tem uma filha já mestiça com traços suavizados em relação a sua ancestralidade e que ao juntar-se a um homem branco terá um filho também branco. Sendo assim o quadro retrata os objetivos dessa nação no compromisso de eliminação do sujeito de cor.

Figura 1: A Redenção de Cam, 1895 Modesto Broncos. Museu Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro.

A colonização é um processo contínuo que atualiza de acordo com as demandas e necessidades colonialistas do seu tempo, a partir de agora te convido a pensar na emergência da descolonização dos saberes para construir cuidados de sobrevivência ao povo racializado. Franz Fanon em "Os condenados da terra" diz que o processo de descolonização é um processo de destruição total da lógica imposta na violência, é o procedimento que Jota Mombaça fala que "é uma luta pelo fim do mundo - o fim de um mundo". Proponho pensar saúde, cuidado para além do ciclo doença - hospital difundido pela cultura branca ocidental e sim como uma prática cotidiana de aproximação com saberes ancestrais que circundam as corpas das seres racializadas, heranças que guardamos na epiderme. Junto a pesquisas já em andamento, como a proposta defendida pelo grupo multinacional anticolonial "El descubrimento de Europa" que propõe discutir a descolonização da medicina ocidental, eurobranco centrada. Aliada também aos estudos de "etnofarmacológica, vertente relativamente nova do estudo de plantas medicinais" (ALMEIDA, 2011, p.41). Converso aqui também com a iniciativa Saberes Tradicionais UFMG, programa de formação transversal de saberes no diálogo com mestras e mestres tradicionais. Não proponho aqui ignorar as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) a respeito dos métodos de prevenção a covid-19 (distanciamento social, máscara e álcool em gel) e sim pensar estratégias de fuga do sistema disciplinar hospitalar/farmacêutico, ou seja, se preparar para a doença, prevenir e construir uma corpa pronta para enfrentar as demandas da enfermidade. Sou continuidade do que, Nego Bispo líder quilombola, em sua publicação "A colonização e quilombos: modos e significações" chamou de "saber orgânico" (BISPO, 2019, p. 63) conhecimento que é feito no dia a dia, da observação do cosmo, de maneira empírica, orgânica e circular que chegou

em mim e não só me pertence, precisa ser partilhada. Conhecimentos das heranças vividas pelas sabedorias dos povos originários dessa terra em confluência com conhecimentos já existentes do outro lado do Atlântico, em África.

Figura 2 - CAPELOBO, Walla "Atotô" 2020, https://www.instagram.com/p/B94PTl1J2KQ/

Ashansu - Carlinhos Brown
"Ô baluaêêê
Babalorixá êê babalorixa totô
babalorixa êê
Ê nire ê nire
Ê nire ê nire
Baba omolu shê shê salerojá
Baba omolu shê shê salerojá
Aê nirê nirê ôôôô
Aê nirê nirê ôôôô
Meu padrinho meu ubaluaê orixá ê
Meu padrinho meu ubaluaê orixá ê
Ô babaluaê Ô babaluaê Ô babaluaê
Ê êêê
Atutu baba atutu ashansu atutu
omolu babalodê alodê
Menasundindê olorumonumbê
olorum dindê calofé
calofé"

Escrevo no Rio de Janeiro, mas sou feita e criada nas montanhas das Minas Gerais, é de lá, de paisagens que sussurram segredos que recebo ânimo, axé, para escrever e dar continuidade aos planos de sobrevivências seculares que faço parte. Fui conversar sobre medicina, saúde, cura com a minha mais velha viva. Elci, o nome da minha querida avó que sempre me deu força para seguir os caminhos que ela preparou com esmero para seguir, mãe da minha mãe, somos separadas por 40 anos de experiências distintas nesse cosmo. Nascida na região nordeste das minas, próximo ao trecho da famosa estrada que liga as gerais à Bahia. De uma pequena roça, de nome simples, Macaquinhos, ela nasceu e me contou algumas de suas maneiras de se fazer vida em meio as enfermidades vividas em lugares de pouco acesso aos recursos da medicina tradicional

ocidental (hospital, médico, medicamentos sintéticos). Ela me contou sobre o poder das folhas de assa-peixe, erva mato encontrada com grande facilidade em quase todo território brasileiro. Me disse de como sobreviveu a uma pneumonia em sua infância com o xarope e compressas da planta no peito. O feitio do xarope é feito de uma maneira simples, consiste na redução de água, açúcar e doze folhas da erva medicinal.

Figura 3 - CAPELOBO, walla "xarope de assa-peixe" 2020, Rio de Janeiro.

Outra receita de proteção, prevenção, fortalecimento foi através de um suco poderoso capaz de, segundo minha avó, *deixar forte*[4] , mistura simples, batida no liquidificador e ingerida nas manhãs como estratégia de se manter viva e saudável. O suco é a mistura de inhame, raiz que concentra o poder da terra, maçã e água de coco.

[4] Expressão que diz respeito ao fortalecimento do sistema imunológico por meio de práticas da medicina tradicional popular.

Figura 4 - CAPELOBO, walla “suco inhame, maçã e água de coco” 2020, Rio de Janeiro.

Dona Elci também compartilhou em nossas conversas sobre medicamentos, feituras e curas sobre o que segundo ela, foi, o principal fortificador na sua infância. Contou que minha bisavó, Dona Iracy, apanhava algumas bananas verdes e deixava por um bom tempo no sol, com um cozimento natural, ao ponto de conseguir fazer farinha da fruta. Farinha de banana verde foi um dos compostos utilizado como suplemento alimentar e fortificador do corpo das minhas ancestrais. Em nossa conversa minha avó atribuiu essa mistura simples como uma das fontes que pode fazer milagres de sobreviver a condições desfavoráveis. Minha mãe, Luciene, pessoa amada que primeiro umbiguei, me lembrou de um remédio que muito usei aos seus cuidados, é um preparado que mistura, açúcar, leite e folhas de laranja. Lembramos juntas que o suor que a bebida quente gera no corpo é a responsável pela cura.

A vida racializada se faz presente pela força do saber encarnado para sobreviver aos mais diversos desafios enfrentados por cada geração e na compreensão de como a experiência própria e do outro são fundamentos de conhecimento. As trocas de saberes intergeracionais são formas ancestrais de ser/fazer saber. Escrevo sobre como devemos ficar atentas a medicina dominante e seus recursos ideológicos, suas lógicas de dominação e de como na simplicidade da vida existe saídas a problemas herdados pela estrutura colonial. Trazemos no corpo a memória da resistência.

Olodumare deu a sua filha Ayê, orixá da terra, o poder de tudo nela ser sustentado e disse que em Ayê tudo que nós precisarmos está.

A cura está na terra, também casa de Obaluaê.

São desejos de vida.

Atotô!

Referências

A Redenção de Cam. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam>. Acesso em: 25 de jul. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

ALMEIDA, M. **Plantas medicinais.** 3ed. Salvador: EDUFBA, 2011.

BISPO, A. **Colonização e quilombos: modos e significações**. 2ed. Brasília: AYO, 2019.

CARVALHO, P. **Pandemia de desigualdades.** São Paulo, n-1 edições, 2020. Disponível em: https://suporte.ebook@n-1edicoes.org/060

CASAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo.** Lisboa: Sá da Costa, 1978.

FANON, F. **Os condenados da terra.** Juiz de Fora, UFJF, 2006.

LANDER, E. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciencias sociais perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLASCO, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf Acesso em: 30/05/2020

MOMBAÇA, J. **O mundo é meu trauma**. PISAGRAMA, Belo Horizonte, número 11, pagina 20 - 25, 2017.

MOMBAÇA, J. **Rumo a uma redistribuição desobediente do gênero e anticolonial da violência.** São Paulo, 2016. Disponível em: https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuic__a__o_da_vi Acesso: 30/05/2020

PIMENTA, T. **Doenças**. Dicionário da Escravidão e Liberdade. 1.ed. São Paulo, Companhia das letras, 2018.

QUIJANO, A. **Colonialidade do Poder, eurocentrismo e America Latina.** Buenos Aires: CLASCO, 2005. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf Acesso em: 30/05/2020

SCHWARCZ, L. **O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930.** São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

SILVA, D. **A dívida impagável.** São Paulo: A Casa do Povo, 2019.

Recebido em 2020-05-31
Publicado em 2021-03-06